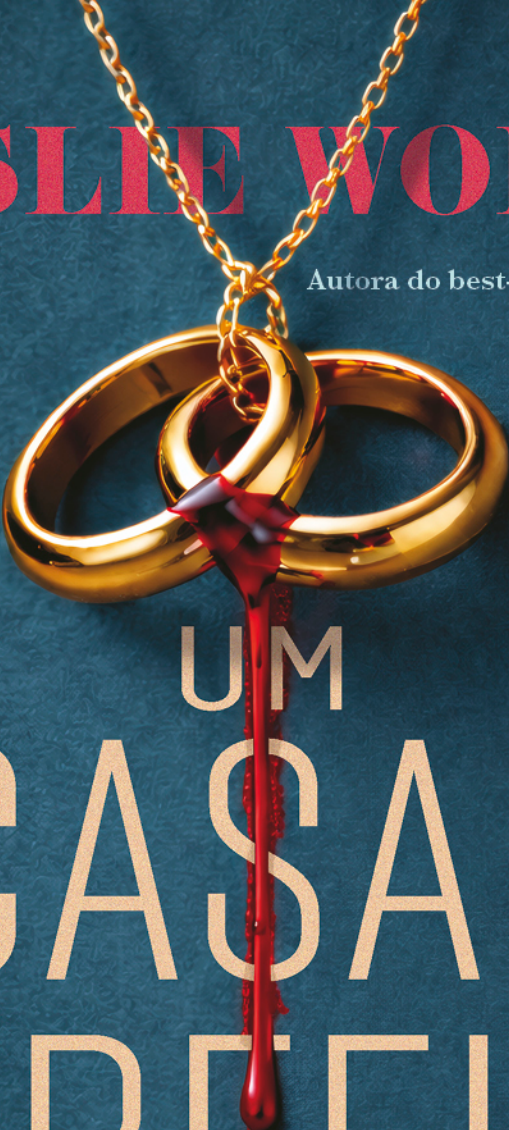




LESLIE WOLFE

Autora do best-seller *A Cirurgiã*

UM
CASAL
PERFEITO

**Seu marido matou alguém.
Ela é a única testemunha.**

LESLIE WOLFE

Tradução de Carlos Szlak

**UM CASAL
PERFEITO**

1. AMANDA DAVIS

MATEI UM HOMEM.

O absurdo dessas palavras invade minha mente, provocando tremores que me desestabilizam. De olhos arregalados, contemplo o corpo que jaz em um amontoado imóvel ao pé da escada, o espanto agarrando-se a mim em pensamentos dispersos e respirações ansiosas. Quando a realidade começa a se impor, ofego em silêncio, cobrindo a boca para sufocar um soluço.

Não pode ser verdade. Ele não pode estar morto.

Porém, o que vejo é real demais. O seu pescoço, torcido e inclinado de lado em uma postura impossível de ser feita. O estalo nauseante dos ossos quebrados quando ele bateu no piso de madeira após quicar pelos degraus íngremes da escada. O sangue que se acumula e escorre lentamente da cabeça, brilhando em bordô sob a luz amarelada do abajur perto da porta.

Um barulho do lado de fora me assusta. Alguém está vindo. Congelo no topo da escada, agarrando com força o corrimão enquanto os passos se aproximam. Então, na moldura escura da janela da sala, surge o perfil de uma mulher, o rosto mal iluminado quando ela passa, sem virar a cabeça para olhar para dentro.

Respiro fundo.

Mas também me dou conta de que alguém pode ter visto o que aconteceu. Um transeunte. Um vizinho. Qualquer pessoa.

Procuo tomar fôlego a fim de acalmar meus nervos. Ainda segurando o corrimão como apoio, desço a escada com cuidado para não escorregar, como se a queda dele pudesse se repetir e selar o meu destino em simetria vingativa; o meu corpo imóvel ao lado do dele. Prendo a respiração ao me aproximar, esperando em vão que ele ainda esteja vivo, mas temendo isso. Ao voltar a respirar, o cheiro metálico de sangue invade minhas narinas, enchendo-me de pavor.

Corro até a janela, fecho as persianas e então espio para fora entre duas lâminas. A rua está estranhamente deserta e silenciosa. Por enquanto.

Ao agachar-me ao lado dele, verifico seu pulso com os dedos gelados. Tocar sua pele me arrepia, como se ele pudesse ressuscitar e agarrar meu braço trêmulo.

Não há pulso.

A camisa polo dele, encharcada de sangue na gola, exala um leve cheiro de loção pós-barba, embora o rosto apresente uma barba de dois dias. O crânio está rachado no local onde deve ter atingido a quina de um degrau, com o afundamento bem visível sob o cabelo raspado, apesar da laceração ensanguentada. Com relutância, deslizo os dedos de lado e percorro o pescoço, estremecendo ao encontrar a vértebra saliente: sinal de fratura cervical que causou uma lesão medular fatal.

Ele morreu no instante em que bateu no chão.

Sou mais do que qualificada para chegar a essa conclusão. Ainda assim, isso não muda como me sinto: insegura, assustada, vacilante. Meu coração dispara e um nó sufoca meu peito, como se as paredes do lugar se aproximassem cada vez mais, prestes a me comprimir e tirar minha vida.

O som de um carro se aproximando me faz correr até a janela. Vejo que ele só reduz a velocidade quando chega à esquina e vira, tingindo a escuridão da ruazinha suburbana com tons de vermelho-vivo das lanternas traseiras.

Viro-me bruscamente e encaro o corpo, sem saber o que fazer.

Os olhos dele ainda estão abertos, como se olhassem através de mim, com pupilas dilatadas e hipnotizantes. Isso me arrepia. Agacho-me e fecho rapidamente as pálpebras dele, mal o tocando com as pontas dos dedos trêmulos, ansiosa por criar alguma distância entre nós. Levanto-me depressa e dou um passo para trás, incapaz de tirar os olhos dele. Parte de mim ainda espera que ele se levante, me agarre, me jogue contra a parede, coloque as mãos no meu pescoço e aperte até que o meu mundo mergulhe na escuridão. Exatamente como o dele agora.

Mas ele não se mexe. Está morto.

Eu o matei.

A dimensão do que fiz me sufoca por dentro. Como deixei que isso acontecesse?

Aparentemente, eu não tinha escolha, e ainda assim, a verdade é que eu *tinha* uma escolha. E fiz a errada. A escolha que mudou minha vida não aconteceu há poucos instantes, quando eu o empurrei escada abaixo.

Não.

Aconteceu antes. Muito antes.

E agora, preciso arcar com as consequências do que fiz.

Meu primeiro impulso é fugir, colocar o máximo de distância possível entre mim e o corpo que jaz no chão coberto de sangue. Mas não há como escapar disso. Não agora. Não sem um plano.

Ao andar para trás, meu calcanhar encosta no último degrau da escada e quase perco o equilíbrio. Abaixo-me e me sento em um degrau. Em busca de um instante de alívio, apoio os cotovelos nos joelhos trêmulos e cubro o rosto com as mãos, escondendo-me da visão sinistra a minha frente.

Talvez eu consiga postergar as coisas por alguns dias antes que venham atrás de mim, porque sei que isso vai acontecer. Agarrando-me a esse fio de esperança, começo a raciocinar. Levanto a cabeça e olho ao redor, procurando algo que eu possa usar para ganhar algum tempo. Não há muita coisa.

Uma coisa é certa: tenho que me livrar do corpo.

Preciso de ajuda.

Ele é enorme. Tem pelo menos um metro e noventa de altura, pesa cerca de cento e dez quilos e é bem musculoso. Foi isso o que me atraiu nele: a força, a agilidade, a aparente resistência e a autoconfiança. No entanto, não sou nem de longe tão alta, e peso no máximo sessenta e três quilos, em um dia ruim, quando estou inchada. Estendo a mão até a perna dele para testar minha força, mas paro antes de tocar o tornozelo. Não adianta nem tentar. No trabalho, são necessárias seis pessoas para transferir um paciente do tamanho dele de uma maca para a cama.

Pego meu celular e pressiono o botão para ligá-lo. A maçã mordida se ilumina em branco sobre a tela preta e, em seguida, desaparece, dando lugar a uma foto do meu filho. Ela foi tirada no verão passado, no pier de Santa Mônica. Tristan havia acabado de fazer nove anos. Ver seus olhos azuis intensos, realçados pelo sorriso encantador, quase me faz chorar.

E se eu perdê-lo? E se me prenderem e eu nunca mais voltar a vê-lo?

Não consigo nem imaginar isso. Sinto uma angústia que me devora. *Não... eu não posso perder meu filho. Isso não vai acontecer. Custe o que custar.*

Afasto os pensamentos sombrios e respiro fundo ao digitar a senha do celular. O rosto de Tristan desaparece na tela.

Vai dar tudo certo. Porém as palavras que disse a mim mesma não me tranquilizam.

Enquanto a tela se enche de aplicativos, dou-me conta de que há apenas uma pessoa que posso chamar para o tipo de ajuda que preciso. A única pessoa que eu preferiria nunca mais chamar ou ver. Hesito ao buscar o nome na lista de contatos.

Volto a observar o corpo caído, perguntando-me aflita se existe alguma alternativa.

Não existe.

Preparo-me para as perguntas que estão prestes a ser dirigidas a mim, como tiros de metralhadora: impiedosas, frias, me atingindo em rajadas rápidas.

Então, faço a ligação, sabendo que, assim que eu revelar o que fiz, não haverá volta. Toda a minha existência ficará à mercê de outra pessoa. Alguém em que sei que não posso confiar.

Enquanto espero a ligação ser atendida, reflito com amargura sobre as últimas semanas, e sobre tudo o que aconteceu.

Eu nunca quis nada disso.

Tudo o que eu queria era nosso maldito divórcio.

2. PAUL DAVIS

Duas semanas atrás

CARAMBA. SEIOS ASSIM DEVIAM SER ILEGAIS.

Toco de leve no nó da gravata, querendo poder afrouxá-lo um pouco. Em vez disso, acabo por ajeitá-lo, um reflexo automático de quando sei que estou diante de uma câmera. Só que não há nenhuma câmera apontada para mim. Ainda não.

As câmeras estão amontoadas do lado de fora do salão, onde os convidados continuam chegando em seus carros de luxo e limusines alugadas para participar do evento anual de arrecadação de fundos do Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro, organização da qual sou presidente. Contudo, eu deveria estar prestando atenção às pessoas sentadas à mesa comigo, incluindo Amanda, minha mulher. Mas não... Não consigo me concentrar em ninguém.

Somente nela, a estranha que chamou minha atenção no instante em que chegamos ao local. Ela atravessa o átrio com um balanço ritmado dos quadris, como se dançasse ao som da música suave de fundo. Um vestido de cetim molda perfeitamente seu corpo curvilíneo, tensionado sobre seus pequenos seios empinados. Uma fenda longa na saia me permite ver mais pele do que a minha esposa gostaria. Sorte que Amanda não está me olhando agora. Ela conversa com uma mulher mais velha sentada ao lado, enquanto me delicio contemplando a estranha desatenta.

A mulher não olha para mim. Não estou acostumado a ser ignorado, a me sentir invisível. Odeio isso. Quase grito: “Ei, eu estou aqui”. Mas não adianta. Só passaria vergonha. Ela se vira e começa a caminhar em direção

ao bar. Vejo que o vestido é uma maravilha de costas nuas, aparentemente sustentado apenas pelos ombros... e tão leve que eu poderia fazê-lo cair com o peteleco de um dedo. A ideia me perturba. Eu me remexo na cadeira. E continuo observando.

As costas dela rivalizam em perfeição ao restante que ela exhibe. O vestido, num tom profundo de vermelho, brilha sob a luz difusa, generoso em ondulações e, no entanto, ainda justo sobre o traseiro. Desce com ousadia abaixo da parte inferior daquelas costas perfeitas. Não consigo tirar os olhos.

Aposto que ela não usa nada debaixo do vestido. Por um instante, imagino como seria tocar sua pele macia e luminosa. Como aquelas costas perfeitamente delineadas se arqueariam quando a pegasse por trás. Como ela me olharia depois, exausta sobre lençóis amarrotados, com o cabelo castanho ondulado espalhado no meu travesseiro.

Não consigo vê-la depois que alguns homens partem atrás dela e bloqueiam minha visão. Provavelmente foram atraídos pelo seu rastro perfumado, copos vazios na mão, seguindo-a como cães ofegantes à espreita. Estou prestes a tomar meu drinque de um só gole e me dar um motivo para ir até o bar ao qual ela se dirige, mas o meu copo fica suspenso no ar ao notar o olhar de Amanda, cravado em mim com uma raiva malcontida.

Amanda se inclina em minha direção até eu sentir sua respiração tocando minha pele.

— Sério, Paul? — ela sussurra junto ao meu ouvido, forçando um sorriso para quem quer que esteja nos observando agora. — Comigo aqui? Com todas essas pessoas olhando?

Com raiva, cerro os dentes e deixo o copo na mesa. Detesto ser repreendido como se tivesse quatro anos.

— Eu não fiz nada — resmungo em voz baixa, me odiando por ter dito isso, por ter dado desculpas.

Amanda não responde. Sorrindo, permanece sentada, fazendo de conta que está tudo bem, mas o nervosismo faz o seu peito arfar e o lábio inferior tremer um pouco.

Mas ainda estou com raiva. Admito que me irrita com facilidade.

Tomo um gole de bourbon para ocultar a emoção e finjo prestar atenção no que uma mulher de meia-idade, cheia de joias, está me contando do outro lado da mesa de dez pessoas. Mas é inútil: estou frustrado demais para me importar. Ela fala sem parar sobre um sobrinho que morreu, e sou obrigado a ficar aqui, assentindo e engolindo tudo. Ela me lança um olhar meigo, e sinto que logo vou vomitar. Livro-me do gosto ruim com mais bourbon

e continuo a sorrir e assentir de vez em quando enquanto ela conta sua história interminável. Em breve, ela vai me dar um cheque.

Por isso estou aqui, no evento anual de arrecadação de fundos do Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro, realizado com elegância no átrio da universidade. O amplo salão está ricamente decorado com flores brancas em cascata, arranjadas em cada mesa de dez pessoas, dispostas no centro de finas toalhas de mesa brancas. Estamos sentados em cadeiras com capas de tecido, amarradas com fitas de cetim. As inúmeras luzes brilham suavemente acima de nós, vindas de modernas luminárias de LED no formato de lustre, exibindo camadas intrincadas de prismas de cristal que cintilam com reflexos de arco-íris. Não são as luzes fluorescentes monótonas do átrio da universidade de que me lembro das visitas anteriores. Devem tê-las trocado para esta noite. Desta vez, realmente capricharam. Estou impressionado.

O som da risada da minha mulher chama minha atenção. Amanda está linda esta noite, com seu longo cabelo loiro penteado com perfeição. Ela atrai a atenção exclusiva de pelo menos dois homens. E eu deveria aceitar isso numa boa. Como se ela pudesse ler meus pensamentos, poussa sua mão no meu antebraço. Instintivamente, afasto-me, ficando profundamente incomodado com a ideia de ser visto como um acessório da minha esposa.

O ambiente é tomado por conversas discretas e ocasionais gargalhadas de bêbados. Porque, claro, o que combinaria melhor com um evento de uma organização em favor da sobriedade ao volante do que um jantar open bar?

O evento é generosamente patrocinado e divulgado pela Golden State Broadcasting, a emissora de tevê para a qual trabalho.

A emissora se certifica de que todos os convidados possam arcar com pelo menos alguns milhares de dólares pelo jantar gourmet de quatro pratos e pelo tal open bar. Além do privilégio de circular entre gente da tevê e algumas celebridades de Hollywood presentes, e quem sabe até conseguir uma selfie com alguém famoso.

E, como presidente do Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro nos últimos anos, estou no centro de tudo isso, prestes a subir ao palco para o discurso final da noite, assim que os convidados terminarem suas sobremesas.

No entanto, estou muito irritado.

Meu chefe, Raymond Cook, presidente e CEO da Golden State Broadcasting, é um careca com o ego inflado. Neste ano, o quarto da sofrida história do seu evento favorito, ele decidiu que as pessoas mais importantes da emissora deveriam dividir a mesa com doadores, para entretê-los com conversas, fazê-los beber e se deslumbrar até assinarem

os cheques. Para ser justo, Raymond Cook também se sentou junto aos doadores. Mas ele não tem mulheres atraentes e sexualmente interessadas babando por ele enquanto sua esposa está ao lado. E não é porque ele não seja casado. É que ninguém sabe de verdade quem é Raymond Cook. E ninguém se importa.

Mas Paul Davis? Essa é outra história.

3.

PAUL DAVIS

SOU O ROSTO DO TELEDIÁRIO NOTURNO E O CÉREBRO POR TRÁS DELE. Sou o âncora principal, e existe um motivo para isso. Nas noites em que estou no ar, a audiência sobe, o faturamento com anúncios cresce pelo menos dez por cento, e o envolvimento do público dispara. Sim, admito que esse aumento se deve principalmente ao público feminino, e fico secretamente satisfeito com isso.

Com índices de audiência assim, ganhei meu próprio programa há dois anos: *A última pergunta*. Nele, faço uma entrevista de quinze minutos depois do telediário. Não há outro parceiro ou parceira de bancada; só eu e quem eu escolher — cuidadosamente — para criticar ou elogiar naquela noite. A escolha é minha. O programa fez bastante sucesso, aumentando ainda mais os índices de audiência da emissora. Por isso, Raymond Cook decidiu que eu deveria me reportar diretamente a ele. Foi uma promoção real e veio com mais dinheiro. Muito mais dinheiro. Infelizmente, também veio com uma relação de trabalho mais próxima entre Raymond e eu.

Não estou nada satisfeito com isso.

Abomino esse sujeito, e tenho certeza de que ele inveja a minha popularidade, embora isso engorde o faturamento dele. Porém, independentemente de como eu me sinta a respeito, ele continua sendo o chefe. É ele quem dá as cartas. Todas. E nunca me deixa esquecer disso.

Mas essa não é a única pedra no meu sapato.

Minha antiga parceira de bancada, Carly Crown, está sentada à minha direita. Está muito elegante num vestido azul-safira com um decote profundo, que atrai de imediato os olhares de todos os homens do salão. De algumas mulheres também. Esta noite, seu cabelo loiro, solto em ondas, se parece de forma perturbadora com o da minha esposa. Talvez não tenha sido de propósito, mas não me surpreenderia se fosse. De vez em quando, o joelho dela roça na minha coxa.

Costumo gostar das interações aparentemente casuais, dos toques nem tão acidentais, das insinuações que temperam nossas conversas no trabalho. Mas não esta noite. Não com Amanda irritada sentada à minha esquerda. Não quero dor de cabeça em casa.

Afasto-me e dirijo um olhar de advertência à Carly. Ela desvia os olhos para o palco vazio, mas sua expressão denuncia uma tensão latente, que me diz que logo serei cobrado pelo meu afastamento. E eu não vou gostar nada disso. Carly é um perigo mortal vestida elegantemente.

A mulher do outro lado da mesa para de falar no meio da frase quando as luzes do átrio se tornam mais intensas. Raymond sobe ao palco e pega o microfone. O volume da música suave de fundo vai diminuindo. Ele pigarreia e tosse no punho. Felizmente, antes que o microfone seja ligado.

— Obrigado a todos por estarem aqui conosco esta noite na bela Malibu. Que cenário fantástico para uma causa tão nobre! Espero que tenham apreciado o jantar delicioso tanto quanto eu, embora deva admitir que a sobremesa talvez tenha sido boa demais. Se eu não conseguir entrar no meu smoking amanhã, já sei de quem será a culpa!

O público o regala com uma sonora gargalhada. Posso perceber que o open bar fez uma grande diferença este ano.

— Mas antes que a noite chegue ao fim, eis o momento que todos vocês esperavam. — Raymond faz uma pausa e a plateia fica em silêncio.

Finalmente!

Faz quatro anos que fazemos isso, e esta é a primeira vez que ele me deixa falar. Endireito mais uma vez o nó da gravata, mas me abstenho de alisar o cabelo com a mão. Estou pronto.

Não, não estou. Tomo outro gole de bourbon. *Agora, sim, estou pronto.*

— Ela se dedica a salvar vidas — Raymond afirma, apontando e olhando na direção de Amanda. Os refletores seguem seu gesto e nos encontram. Minha mulher sorri timidamente e abaixa a cabeça. — Como enfermeira de terapia intensiva, atuando nos campos de batalha sem fim dos acidentes de trânsito sob influência de álcool ou drogas, ela é a primeira a presenciar a carnificina. E dirá a vocês que nem todos sobrevivem, mesmo que a UTI de trauma do hospital de Sunset Valley seja uma das melhores do país. Ela já testemunhou, repetidas vezes, o sofrimento que uma decisão impulsiva e equivocada pode causar nas famílias.

Raymond faz uma pausa breve e então direciona seu foco para mim.

— Ele é uma voz confiável em nossa comunidade, apresentando as notícias com integridade e dedicação. Vocês o conhecem bem, o recebendo em suas casas na hora do jantar. E, antes mesmo de vocês ligarem a tevê para

ouvir sobre mais uma tragédia que ensanguenta as ruas de Los Angeles, ele já ficou sabendo. Ele investiga, descobre a verdade e a entrega a vocês com todos os detalhes chocantes.

É a minha vez de sorrir e assentir com a cabeça em sinal de reconhecimento.

— Juntos, eles formam um casal admirável, unindo esforços para desempenhar um papel fundamental no sucesso da nossa organização e promover mudanças importantes na legislação, com a ajuda de vocês. Senhoras e senhores, recebam com aplausos Amanda e Paul Davis!

Quando o público começa a aplaudir, minha mulher e eu nos levantamos. Radiante, Carly escolhe aquele momento para se dirigir ao foco do refletor e me abraçar, como se estivéssemos na cerimônia do Oscar ou algo assim. Ela se demora no abraço, invadindo minhas narinas com seu perfume e pressionando o quadril contra o meu. Afasto-me discretamente, sabendo que todas as câmeras estão apontadas para nós. Então, ofereço o abraço a Amanda, que o aceita imediatamente enquanto caminhamos em direção ao palco improvisado.

Ela fica ao meu lado no púlpito e pego o microfone. Os convidados ficam em silêncio e olham para mim. Eu adoro toda essa atenção.

— Obrigado a todos por estarem aqui esta noite. Antes de tratar de assuntos mais sérios, quero compartilhar uma piadinha que ouvi recentemente: Por que o repórter se sentou no teleprompter? — Uma pausa dramática. — Porque ele queria se manter por dentro das notícias!

O público ri com vontade, e eu me deleito com isso. Então, conforme a reação vai diminuindo, continuo:

— Muito bem, agora que já rimos um pouco, vou contar uma história para vocês. — Olho para minha esposa, e ela assente de modo quase imperceptível. — Sobre como criamos o Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro e, acima de tudo, o porquê fizemos isso. Foi quando nós dois percebemos que os nossos trabalhos lidavam com muitas mortes. Para Amanda, eram as vidas que a equipe incrível do Sunset Valley não conseguia salvar. Mortes sem sentido que poderiam ter sido evitadas. Para mim, era a longa lista de ocorrências que eu tinha de levar até vocês por meio das notícias que apresentava, todas as noites. Nem um dia de descanso em nossas vidas e nas de vocês; nem um dia sem ter de falar sobre mais um “acidente” terrível que aconteceu aqui em Los Angeles. — Faço um breve intervalo de silêncio para que minha mensagem seja assimilada. — Isso não pode continuar assim. E vocês podem fazer isso acontecer. Nós podemos fazer isso acontecer. Juntos.

Ao proferir essas palavras, as últimas já encobertas por aplausos entusiasmados, minha garganta implora por uma bebida. Numa mesa próxima do púlpito, a bela do vestido vermelho de costas nuas sorri para mim.

Faço contato visual e o sustento por algum tempo. Ela abre um sorriso largo, inclina levemente a cabeça e me dirige um olhar sugestivo.

Por um instante, me esqueço de Amanda.

Quem sabe o que a noite ainda pode me proporcionar? Até aqui, tudo parece promissor.

MEUS PÉS ESTÃO ME MATANDO. NÃO ME DOU BEM COM SALTO ALTO, não depois de um plantão de doze horas no pronto-socorro e de um evento interminável. Agora, finalmente acabou e estamos na calçada, esperando o jovem magricela que trabalha como manobrista trazer o Cadillac de Paul. Gostaria de poder me sentar nos degraus de concreto e tirar os sapatos.

Somos os últimos a sair. Sinto-me tensa e ansiosa. Estou à beira de um colapso nervoso, desesperada para que tudo acabe. As luzes de Malibu piscam ao longe, e o mar escuro e ameaçador reflete os relâmpagos que atravessam as nuvens. Pouco depois, um trovão ressoa, ainda distante. E o manobrista demora uma eternidade para trazer o carro. Tomara que não nos ensopemos enquanto estamos esperando.

Estou com receio do momento em que ficaremos sozinhos no carro. Paul e eu voltaremos a discutir, com o meu ressentimento em relação ao comportamento dele ansiando se manifestar. Sim, eu sei que estou amarga e ranzinza; a maioria das mulheres desiludidas se sente assim. É um efeito colateral de ter o coração partido.

Por enquanto, continuo de braços dados com ele, como se espera de mim, sorrindo, assentindo e acenando para as poucas pessoas que ainda não foram embora. Na maioria, são colegas de trabalho de Paul. A sua antiga parceira de bancada para diante de nós a fim de dar boa-noite, e finjo não perceber o que ela quer quando tremula as pálpebras cheias de rímel para o meu marido. Parece estar se esforçando à toa, e sinto um alívio ridículo. A mente de Paul dá a impressão de estar em outro lugar. Provavelmente em uma mulher mais jovem que Carly. Também mais jovem que eu.

Ao finalmente captar a mensagem, Carly se afasta, com a cabeça erguida e os cachos perfeitamente arrumados balançando a cada passo em direção ao seu conversível BMW vermelho, parado a pouco metros com o motor ligado e a porta aberta.

Sua nova parceira de bancada, Latesha Jones — uma mulher que Paul diz detestar — aperta minha mão ao passar e, em seguida, para exatamente à frente de Paul.

— Será que não existe uma maneira melhor de envolver esses doadores? — ela pergunta com um sorriso discreto e astuto.

Não consigo deixar de notar como a maquiagem dela continua impecável, mesmo depois de tantas horas. Deve ser de nível profissional, e não do tipo de loja de departamento que eu uso.

— Teria? — Paul responde, franzindo brevemente a testa, em sinal de dúvida.

— Vou pensar nisso. Um público como esse precisa de algo novo. Algo fresco. Talvez oradores diferentes no próximo ano?

Sinto o braço do meu marido enrijecer, mas ele não diz nada. Apenas assente com a cabeça para ela. Nada mais.

— Bem, se você não está interessado o suficiente para me ouvir, vou apresentar minhas sugestões ao Raymond.

— Faça isso — Paul diz com os dentes cerrados. — Dirija com cuidado, Latesha, ou melhor, chame um táxi. Você tomou algumas doses a mais.

O carro dela já está junto ao meio-fio, um conversível Mercedes branco. Latesha ri do comentário de Paul e se senta ao volante. Mas ela não parte de imediato. Pelo jeito que se remexe no banco e estende a mão por baixo do volante, suponho que esteja tirando seus Manolos com salto de dez centímetros e calçando algo mais confortável.

Não vejo a hora de fazer exatamente isso. Teria tirado meus scarpins pretos ainda sentada à mesa, se não estivesse preocupada com todas aquelas câmeras, à caça das futuras “estrelas” duvidosas dos tabloides de sábado. Consigo ver as temidas manchetes em minha mente: *Vacilo fashion ou jogada esperta? Ninguém menos que Amanda Davis tirou os sapatos debaixo da mesa no glamoroso evento beneficente da noite passada.* Ou, meu maior medo de todos: *Escândalo no evento beneficente! Todos estavam de olho em Paul Davis, flagrado pelas câmeras lançando olhares para outras mulheres ao longo da noite, mesmo com sua deslumbrante esposa sentada bem ao seu lado. Será que a fachada de casal perfeito esconde algo?*

Interrompendo minha angústia, os faróis característicos do Cadillac XT6 de Paul viraram a esquina, aproximando-se da escada do átrio de maneira inquietantemente lenta.

Paul também vê o carro e solta um breve suspiro de alívio.

— Finalmente — ele murmura, arrastando um pouco a palavra. O seu hálito desprende um forte cheiro de bourbon.

— Acho melhor eu dirigir, Paul. Eu só tomei água com gás.

— Não precisa — ele afirma, dando-me um olhar de soslaio. — Estou bem. Vamos.

Ele nunca gostou de me ver dirigindo seu carro luxuoso, mas não fala isso abertamente. Comportando-se de modo exemplar, já que ainda há alguns cinegrafistas de tabloide gravando, Paul abre a porta para mim, e eu toco sua mão rapidamente.

— Podíamos chamar um Uber. Por favor. Tenho um mau pressentimento sobre isso.

— Isso o quê, Amanda? — Ele se mexe no lugar, ansioso para ir embora e visivelmente frustrado comigo. — Quando é que eu não fui cuidadoso ao volante? — pergunta, em um tom mais alto.

Isso não merece resposta. Desisto. Em vez de discutir inutilmente, entro no carro e tiro os sapatos logo depois que ele bate a porta.

Porém, no momento em que o Cadillac se põe em movimento, não consigo me conter.

— Tudo isso, o Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro, o evento beneficente, é uma farsa para você, não é? Aposto que você faz isso pela audiência. Você não acredita na causa... Está apenas usando tudo — e a mim — para alavancar sua carreira e chamar a atenção de pessoas influentes.

— Caramba, Amanda — Paul diz, golpeando o volante com a mão. — O que diabos há de errado com você esta noite? Para de me encher!

— Não há atuação de verdade. Nenhum benefício. Nenhuma legislação foi alterada nos últimos quatro anos desde que começamos isso. Sinceramente, não sei para onde todo o dinheiro está indo.

— Então agora você quer uma auditoria? — Os pneus cantaram em protesto quando ele fez a curva à esquerda no Cânion de Malibu, acelerando. — Me diga simplesmente se você quer isso, e vamos preparar os livros contábeis para você. Afinal, você é a chefe aqui, não é?

Impaciente, reviro os olhos na escuridão do carro. Com ele, tudo gira em torno de poder e controle. É só isso que lhe importa. E a percepção que os outros têm dele.

Ao desistir pela segunda vez em apenas dois minutos, deixo minha mente vagar à toa, tentando impedir que a ansiedade me domine. Tentando silenciar meus pensamentos turbulentos e tomar a decisão certa.

Os relâmpagos iluminam o céu sobre nossas cabeças, e o trovão me assusta, fazendo-me encolher. Soa ameaçador, prenunciando algo ruim. Por um tempo, espio pela janela as paredes do cânion passando rapidamente sob os faróis potentes do carro, enquanto Paul acelera cada vez mais pela estrada deserta e sinuosa.

Não vai demorar muito.

— Você se comportou de forma ridícula hoje à noite — ele diz, lançando-me um olhar furioso. — Suas suspeitas, sua atitude, tudo.

Meneio a cabeça e me recuso a dizer qualquer palavra em minha defesa. É inútil. Tudo o que tento com ele termina em derrota. Pego o celular na bolsa e digito uma mensagem breve.

— Para quem você está mandando mensagem a esta hora? É quase meia-noite.

As suspeitas dele sobre mim seriam hilárias se não fossem tão dolorosas. Se Paul tem outras mulheres em mente e acha que sou igual, ele não me conhece nem um pouco.

— Esqueci de avisar à senhora Higgins sobre nossa partida — digo a ele.

— Quem?

— A mulher mais velha na nossa mesa. Prometi que a encontraria no bar para uma última taça de champanhe e acabei me esquecendo totalmente.

Paul me olha com desconfiança. Continuo digitando. “Acabei de ir embora. Desculpe...” Não há resposta; apenas uma notificação de que a mensagem foi lida pela destinatária.

Então, mostro a tela do celular para Paul.

— Pronto, você quer ver?

Ele mantém os olhos no caminho.

— Tanto faz — Paul murmura enquanto recoloco o aparelho na bolsa.

— Então, você trocou figurinhas com aquela mulher? — pergunto, incapaz de ficar calada. Estou cutucando essa ferida como se fosse uma casca coçando, sabendo muito bem que a dor vai piorar quanto mais eu fizer isso.

— Caramba, Amanda... Que mulher é essa?

— Aquela de vestido vermelho que você ficou xavecando a noite toda. Conseguiu o número dela?

— Pelo amor de Deus, Amanda! Eu já te disse diversas vezes! É isso que vende programas de tevê, filmes, arrecadação de fundos. Qualquer coisa, na verdade!

Os nós dos dedos dele estão brancos de segurar o volante com força. Alguns alertas sonoros dos sistemas do carro soam quando os pneus tocam na faixa dupla que separa as pistas.

— O quê? Jornalismo sério?

— Sexo! — Paul grita, olhando fixamente para o caminho à sua frente. A voz alta naquele espaço fechado do carro em alta velocidade me faz ficar em silêncio enquanto ele continua a berrar. — É isso que elas querem ver! Não se importam com mais nada além do meu rosto. Essa é a minha

vantagem, se você realmente quer saber! Vale mais do que o meu diploma de jornalismo e todas as reportagens investigativas que faço!

Jamais tinha pensado desse ponto de vista. Nunca achei que ele se importasse, contanto que ele fosse o centro das atenções, conseguindo o que quer.

— Mas você precisa agir assim?

Os alertas sonoros tocam, e Paul desvia para a outra faixa ao se aproximar de uma curva fechada rápido demais.

— Filho da mãe — ele murmura, voltando a dirigir em alta velocidade pelas montanhas de Santa Mônica depois de voltar para a faixa correta. — O que você quer que eu faça? Deixar que fulanas como Latesha Jones e Carly Crown tomem o nosso lugar? Virar produtor delas e cumprir suas ordens?

A raiva toma conta de mim. Simplesmente não consigo me livrar dela.

— Gostaria que você me tratasse com respeito! Pelo menos quando estou com você e todos estão nos olhando. Você, elas admiram e desejam. Mas eu, elas me olham com pena ou desprezo. Como se eu fosse algum tipo de...

A silhueta de uma mulher surge do nada, uma forma escura contra os relâmpagos luminosos. Eu solto um grito e o carro atinge o corpo frágil. A pedestre é arremessada contra o para-brisa, rachando-o. Em seguida, ela é jogada por cima do carro e cai na pista atrás de nós. Paul freia o carro bruscamente, fazendo todo tipo de alertas sonoros tocarem e os pneus cantarem no asfalto e soltarem fumaça.

O carro agora está completamente parado, mas Paul não larga o volante.

— O que diabos aconteceu? — ele pergunta.